O ESPÍRITO DA ESPERANÇA, DE HAN*

HAN, Byung-Chul. **O espírito da esperança**: contra a sociedade do medo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

Felipe Augusto Ferreira Feijão**

A mais recente obra do filósofo sul-coreano publicada no Brasil, *O espírito da esperança*: contra a sociedade do medo, está dividida em: “Prelúdio”; 1 – “Esperança e ação”; 2 – “Esperança e conhecimento” e 3 – “Esperança como forma de vida”. O subtítulo parece ser o mote geral de todo o livro, que perpassa pela introdução e pelos capítulos. O esforço de Byung-Chul Han se volta contra o medo reinante no mundo contemporâneo. É contra o “medo que circula como um espectro” (p. 11) que a esperança surge.

No “Prelúdio”, ele observa que diante do mundo atual, repleto de desafios como guerras, crise climática e possibilidade de um apocalipse, em meio ao iminente caos para a sobrevivência humana “apenas a esperança nos permite recuperar a vida” porque “ela estende o horizonte do significativo, que revitaliza a vida e lhe dá asas. A esperança nos presenteia com o futuro” (p. 12). Ela parece entrar na cena do palco mundial como alternativa, pode salvar o espetáculo humano na Terra.

Han defende que o medo tem funções negativas, como impossibilitar a liberdade e a transformação da sociedade em prisão. É como se o medo fixasse placas de aviso, de repressão, que impedem a passagem, o ir além. Ele critica os populistas de direita que se aproveitam de conjunturas problemáticas de seus países e “atiçam o ódio” (p. 12). Em contrapartida, a esperança, com funções positivas, “dá sentido e orientação” (p. 13), enquanto o medo breca a marcha, o caminhar humano. Ainda na parte inicial, há a diferenciação entre esperança e otimismo: “O pensamento esperançoso não é otimista. Ao contrário da esperança, ao otimismo falta qualquer negatividade” (p. 16). O otimismo não carrega com ele dúvidas, desespero.

O mesmo filósofo, que constatou a sociedade do cansaço, mostra-se, ao defender a esperança, um crítico da sociedade neoliberal: “O culto à positividade no regime neoliberal dessolidariza a sociedade” (p. 19). A positividade individualiza, isola, particulariza, enquanto “o sujeito da esperança é um nós” (p. 19). O medo tem o papel de tolher o vindouro e, se ele vive a rondar como um espectro, o neoliberalismo “é um regime do medo” (p. 22). Não por

* Resenha recebida em 23/09/2024 e aprovada para publicação em 20/11/2024.

** Mestre em Filosofia pela UFC. Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Licenciado em Filosofia UFC. Professor de Filosofia da rede pública e do ensino superior. E-mail: faffeijao@gmail.com.

acaso, as sociedades em que tal modelo sociopolítico se encontra em estado avançado, o medo desempenha fortemente sua função, sufocando a esperança e fazendo com que o populismo e ondas de direita floresçam.

Han toma a esperança como alternativa perante o medo, o caos, as crises, ela passa a ser a arma com a qual ele luta teoricamente: “Onde domina o clima de medo, a esperança não desperta, pois o medo suprime a esperança. Portanto, é necessária uma política de esperança que crie uma atmosfera de esperança contra o clima de medo, contra o regime do medo” (p. 28). Se o medo isola, aprisiona, reprime, a esperança emerge como possibilidade de formar comunidade, pois ela “contém uma dimensão do nós” (p. 28). É possível uma revolução no mundo de hoje? Han responde: “Se hoje não é possível uma revolução, é porque não sabemos ter esperança, porque permanecemos no medo, porque a vida define em sobrevivência” (p. 29). O autor aponta para a necessidade de que a humanidade saia da presente condição e alcance o estágio da esperança.

No primeiro capítulo, há a diferença entre esperança ativa e passiva, sendo aquela a mais bem concebida pelo autor, como inspiradora e criativa; e esta negativa, semelhante a desejo sem força. Na sequência, mais uma diferenciação, entre desejo e esperança: “Ao desejo é inerente um sentimento de falta, enquanto a esperança possui uma plenitude própria, uma luminosidade própria” (p. 43-44). Han faz esses esclarecimentos com o objetivo de posicionar bem a esperança, de não dar margem para que ela seja confundida, como o que o senso comum por vezes a compreende, ou mesmo procurando uma conceituação adequada.

Em seguida, ele conceitua a esperança: “É um estado de ânimo, até mesmo um estado de ânimo fundamental, que determina e afina continuamente a existência humana” (p. 44). No lugar do medo, o que deve então passar a determinar e afinar a existência humana é a esperança. “A esperança é prospectiva e presciente. Ela nos dá uma força de ação e visão de que nem a razão nem o entendimento seriam capazes. Ela aguça nossa atenção para o que ainda-não-é, para o ainda-não-nascido [...] Ela é a parteira do novo” (p. 47). Se é contrária ao medo, diferente do otimismo e do desejo, ela nos coloca além “do estado ativo gasto, além da mera industriiosidade e ativismo, rumo a uma atividade ainda por exercer, e nos põe em contato com a frescura do ainda-não-nascido. Ela renova nosso atuar” (p. 48). É interessante observar que em obras anteriores, o agora filósofo da esperança, fez diagnósticos muito graves de estados de coisas, de problemas que assolam o mundo. Entretanto, ele passa a assumir na sua teoria, em seu pensamento, um posicionamento de esperança. Han sugere a

“dialética da esperança” (p. 64), que consiste em quanto maior o desespero, que mais intensa seja a esperança.

No segundo capítulo, de início, ele nos consola acerca do risco da inteligência artificial, “a inteligência artificial não pode pensar [...]. A inteligência artificial só é capaz de calcular” (p. 87). Na sequência encontramos argumentação que busca ligar o relacionamento com o outro com o pensamento, com o conhecimento: “O amor como Eros é a aspiração da alma por um conhecimento completo. O pensamento é um ato de amor, então, o filósofo é um erótico, um amante da verdade” (p. 89). Erótico aqui tem o sentido de que quem se relaciona intimamente com o pensamento comunga do eros.

Na continuação, temos que “quem tem esperança [...] dirige sua atenção para [...] futuras possibilidades” (p. 93). Desse modo ele fundamenta o que afirma logo depois: “A filosofia é um pensar depois, não um pensar antes. Ela não é prospectiva, mas retrospectiva” (p. 95). O autor não deixa de lado sua criticidade, sempre mostrando a necessidade do surgimento do novo, do outro, mediante a alternativa da esperança, que se apresenta como condição possível de se estabelecer: “A sociedade, como a de hoje, totalmente desprovida de esperança, está envolta em cinza” (p. 101). A própria filosofia é, então, uma atividade de esperança, visto que se trata de um labor que versa sobre a realidade observada: “No espírito da esperança, vislumbramos o vindouro até mesmo no passado. O porvir, como o verdadeiramente novo, como o outro” (p. 101).

No terceiro capítulo, Han sustenta a defesa da esperança como modelo de vida: “ela determina e afina completamente nosso ser. Por isso, ela pode ser considerada, tal qual a angústia, um modo de ser fundamental” (p. 111). Na sucessão, outro esclarecimento de diferenciação é importante: “Ao contrário da esperança, a expectativa e o desejo estão ligados a um objeto ou a um evento intramundano. A esperança é aberta, vai para o aberto” (p. 125). Como elemento fundamental, como estado de ânimo, como necessidade parece que a esperança se basta a si mesma.

Quase ao término do livro, Han descreve mais uma bela função da esperança: “A esperança, por outro lado, nos abre para o que é futuro, para o vindouro, para o ainda-não-nascido, para o latente, para o que está em processo de devir. Ela é um estado de ânimo messiânico” (p. 130). A esperança surge na filosofia de Byung-Chul Han como uma alternativa ao mundo desafiador contemporâneo. Por meio dela e com ela é possível vislumbrar o futuro, ela guarda em si o anúncio do novo, da novidade, do porvir e pode ser capaz de instaurar na humanidade um novo e necessário ânimo.